

Luiz Calanca

Dono da loja de discos Baratos Afins

“Da noite para o dia, você pode ser uma revelação da música; ou então você fica lá perdido, na poeira cósmica da internet.”

Entrevista realizada por Fabio Maleronka Ferron e Sergio Cohn no dia 17 de abril de 2010, em São Paulo.

Luiz Calanca

O produtor Luiz Calanca diz que sua paixão por música é da época dos bailinhos; trabalhava como DJ e colecionava LPs. Estudou farmácia e, depois que casou e teve uma filha, ficou apertado de dinheiro. Precisou vender boa parte de seus vinis. O comprador colocou os discos em uma balança e deu seu preço. Calanca teve a visão: por que não montar o próprio negócio de compra e de venda de discos? Começava ali um capítulo único do mercado fonográfico brasileiro. Ele abriu a primeira loja na Galeria do Rock, tradicional reduto de música em São Paulo.

A Baratos Afins transformou-se ao longo dos anos em mais do que um ponto de encontro entre músicos e fãs. Virou uma referência da música no Brasil e no exterior. Em pouco tempo, Calanca estendeu as atividades ao criar o selo Baratos Afins. Por ele, foram lançados muitos nomes míticos da música brasileira, da psicodelia de Arnaldo Baptista, nos anos 80, ao trombone contemporâneo de Boca-fiziu. Já produziu 82 discos de 53 artistas, seis coletâneas e 16 relançamentos.

Para Calanca, a internet comprometeu decisivamente o desenho do mercado de discos. “Todo mundo que é parceiro do Bill Gates, que tem computador em casa, faz música.” A consequência, ele crê, é a aparição de fenômenos temporais. “Todo domingo tem uma revelação no Faustão, mas dura meio verão.” Calanca é contra os downloads gratuitos de músicas na rede. Para ele, “o artista não pode dar de graça a única coisa que tem para vender, que é sua arte”.

Como começou a Baratos Afins?

Eu era farmacêutico e nos fins de semana fazia bailinho. Meu salário era sempre gasto com discos. Aí eu casei, em 1974. Quando minha filha nasceu, eu me apertei. Tinha um jaleco rasgando, um sapato furado, e tive que sacrificar alguns discos para comprar o enxoval do bebê. O comprador me levou em um salão grande, botou meus discos em uma balança e falou: “Dou quinze mil cruzeiros”. Gastei oito mil antes de sair da loja (*risos*). Pensei: “Pô, que negócio besta que eu fiz! Levei um monte de disco e comprei alguns, gastei e fiquei com sete mil na mão”. Foi aí que me deu o estalo de que podia abrir meu próprio negócio. Para aquele rapaz, os discos valiam quanto pesavam. A obra em si não tinha valor. Era tudo igual. Falei para o meu cunhado que estava decidido a abrir uma loja. E ele me deu o maior incentivo. Tinha falido com uma loja de discos na Vila do Carmo e ainda tinha muito disco em casa. Acabou me dando toda sua discoteca. Comecei assim. Ele me apresentou ao dono do imóvel onde eu peguei a Baratos na primeira vez. O dono falou: “Você tem Roberto Carlos?” Eu tinha 16 álbuns do Roberto. Acho que era tudo o que tinha saído dele até ali, menos o primeiro. Ele me deu a chave da sala em troca dos

Roberto Carlos. Eu nem fiz contrato. Depois de quase um ano, descobri que não tinha firma aberta. Meu cunhado me sacaneou. Disse que tinha aberto a firma, mas era tudo fake. Eu queria fazer um negócio sério, porque estava começando a dar certo. Procurei legalizar a coisa, abrir uma empresa direitinho, como devia. Era o auge da discoteca, mas a gente era moleque, radical, chato mesmo. Eu jogava no chão aqueles discos da Donna Summer, Lady Zu. Aí os roqueiros chegavam e diziam: “Odeio Donna Summer!” E pisava em cima dos discos dela e da Lady Zu. Todos aqueles “putz, putz” da discoteca. Até que um dia um louco chegou lá e ficou horrorizado com aquilo: “Pô, não! A rainha da disco music. Que pecado!”. Fiquei envergonhado. Recolhi aquilo e nunca mais fiz. Mas não dá para esconder, pois todo mundo viu, todo mundo sabe disso.

Isso deve ter criado uma marca para vocês. Um espaço de resistência do rock.

Sim. Bem ou mal, todo mundo queria falar daquilo, dava ibope. Hoje, pensando bem, eu acho a discoteca maravilhosa perto dessas músicas eletrônicas que têm aí. Parece que tiraram o coração da música e botaram um marca-passo. Tudo bem. A discoteca era maravilhosa, pelo menos era orgânica. Música ao vivo, de verdade. Não era só o disco.

Colecionar disco e agitar a produção independente são coisas que vieram juntas?

No meu tempo de bailinho, às vezes fazia show com bandas *underground*, bandas do bairro. Um desses shows foi o do Arnaldo Baptista, no Teatro da Universidade Católica de São Paulo, o Tuca. Foi antes daquele incidente nos anos 80, quando o Arnaldo caiu do terceiro andar do Hospital do Servidor Público de São Paulo e ficou em coma por quatro meses. Nessa época, a mulher dele me procurou para ajudar a terminar o disco *Singin' Alone* [1982, *Baratos Afins*]. Eu terminei, fiz o corte do acetato. Inclusive acho que estraguei o disco, pois não tinha experiência nisso. O som acabou ficando abafado. Mas a gente achava que estava lindo. Era nosso primeiro álbum. Quando saiu em CD, falei: “É o primeiro CD que é bem melhor que o disco”. Eu não gostava da sonoridade do CD no início, mas a gente tinha assassinado aquele disco (*risos*). Foi o Arnaldo que acabou me infiltrando nessa coisa de produzir. Só que na época tinha que expor o disco ao departamento de censura, ter cadastro de gravação. Você tinha que ter uma empresa, não era qualquer um que ia lá, pagava e fazia. A gente superou tudo isso para poder fazer o disco. Aí não tinha mais sentido parar. Logo me aproximei das bandas que estavam pró-

ximas do Arnaldo: Patrulha do Espaço, Mixto Quente. Depois fiz Coke Luxe, Tata Guarnieri, me envolvi com o pessoal da Praça do Rock. Eram 300 bandas querendo gravar e não tinha outra produtora, era sempre a gente. Naquele tempo, ou você estava em uma gravadora grande ou gravava na Baratos, não tinha outra.

É quando começam a surgir os primeiros discos independentes. Como foi isso?

Antes de mim tinha o Antonio Adolfo, que fez o *Feito em Casa* [1977, *Artezanal*], no Rio. A Baratos foi a primeira loja a fazer disco – pelo menos é o que a gente imagina, não conheci outra antes. Eu queria ser diferente das outras lojas porque, quando comecei na Galeria do Rock, logo veio a concorrência. Eu ficava incomodado com aquilo, queria ser diferente. Não queria ser igual aos outros, ou só mais um. Pensei em fazer algumas edições de coisas raras, que tinha prometido para o Jorge Mautner quando eu era farmacêutico ainda. Mas acabei entrando nessa de produzir discos por conta do Arnaldo. Era uma coisa mais para ajudar mesmo, porque ele ainda estava em coma. Eu não tinha fonte de renda, mas acabei reeditando todos os discos dos Mutantes e os da Rita Lee. Foi até o Mautner que me alertou que eu tinha que fazer um pedido na gravadora. Eu não sabia disso (*risos*).

Foi uma “volta” dos Mutantes, apesar de que naquele momento eles ainda eram uma banda obscura, não é?

É. Aliás, a gente quebrou a cara com os Mutantes. Eu lembro que quando estava vencendo a primeira duplicata, liguei para o Maurício Kubrusly, que era editor da revista *Somtrês*, talvez a única publicação no momento que falava de rock no Brasil, e pedi para ele me ajudar. Falei que tinha feito uma loucura, que tinha comprado todos os discos dos Mutantes, mas que estavam vencendo as duplicatas e eu não estava conseguindo pagar. Eu queria fazer um anúncio na revista, mas que fosse um anúncio ligado a uma matéria, que desse um impulso para vender os discos. Vendi para algumas lojas, mas não o suficiente para pagar as cinco edições. Inclusive a gravadora chegou a lançar logo depois no mercado, alegando que acabara o prazo e que a exclusividade era para São Paulo. E não era. Eu tinha pedido exclusividade para todo o Brasil, até revi o contrato. E não tinha nada que era só para São Paulo. Eles recolheram do mercado, porque eu reclamei. Eles encharcaram o mercado, eu não conseguia vender. Eu só vendia no estado de São Paulo. Aí eles recolheram e acabei engolindo o resto que a PolyGram fez, porque não tiveram mais interesse em vender; iam derreter. Aí eu falei: “Derreter também não. Me dá baratinho, que

eu fico”. Aí fizeram um preço negociado.

Depois vendeu para o Japão por muitos dólares.

Não, ainda não tinha acontecido isso. Eu distribuía os discos dos Mutantes. Dava de presente. Era assim: quatro álbuns para o Sepultura, quatro para o Fellini. Cada banda tinha quatro, cinco elementos e todos queriam um disco para fazer o tributo ao Arnaldo – fizeram *Sanguinho Novo* [1989, *Eldorado*] em homenagem a ele. Então, dei uns 80 discos dos Mutantes e nem incomodava, pois aquilo estava tudo encalhado lá. A gente vendeu o que tinha que vender e parou. Os Mutantes não tinham esse nome que têm hoje. Quem deu visibilidade para valer foi o Nirvana. Quando eles estiveram no Brasil, a gente deu uma coleção de discos para a banda, e o Kurt Cobain disse em uma entrevista: “Pô, Mutantes é a melhor banda do mundo”. Aí tudo quanto foi moleque queria saber dos Mutantes. Mas já era tarde, já tinha vendido um monte. Depois começou a fazer sucesso no exterior também. A gente vendia muito para gringo. O pessoal que vinha para cá comprava as coleções completas. Mas já tinha passado quase 20 anos, já tinha ido bastante coisa.

Por que o nome Baratos Afins?

Nasceu no dia que eu vendi o primeiro disco. Eu tinha uma tabela de preços que era de um sindicato de varejistas. No final de todo aquele nome estava escrito “os varejistas e afins”. Eu falei: “Que barato!” Aí deu aquele estalo. Eu tenho muito essas coisas de criar, pensar em nome. Baratos Afins veio nesse embalo. Eu fiquei com essa obsessão na cabeça, que o nome era legal. A junta comercial recusou o nome. Queria que o “afins” tivesse um hífen entre o “a” e o “fins”. Teve uma dona lá que não queria aceitar a palavra junta. E eu queria usar como um nome fantasia. Aí como aquela senhora não queria deixar passar, a gente tentou outro plantão da junta e deu certo. Na época, minha mulher achou que eu estava pirando, por largar a farmácia para abrir uma loja de discos. A gente quase se separou. Depois, eu comecei a invadir a casa com os discos. Ela me deu um ultimato: “Ou eu ou os discos”. Aí eu comprei o apartamento de baixo para os discos. Ficou tudo tranquilo.

E o slogan da Baratos Afins, como surgiu?

Uma vez eu vi uma propaganda da CBS [atual Sony] sobre o RPM: “RPM, um milhão de cópias vendidas. CBS se orgulha dos seus artistas”, ou qualquer coisa assim. Aí eu fiz: “Baratos Afins, nenhum desses discos vendeu um milhão de cópias”. É tudo maldito mesmo.

A Rhino Records fez uma coisa parecida com discos que estavam fora de catálogo.

Mas a Rhino fez isso já na época do CD. Lembro que tinha um selo, que era da *Stiletto*; Lawrence e Barry eram os sócios. Eu era meio barômetro de mercado para os caras, porque eu tinha feito um disco do Joy Division [*banda inglesa, 1976-1980*] que, aliás, até vendi umas cópias para o pessoal do New Order [*banda inglesa, 1980-1993*] depois. E até falaram por aí que eu copiei da Eldorado. A Eldorado que copiou o nosso, porque eu adicionei uma música, que era a famosa deles. Eu tinha adicionado o *Love Will Tear Us Apart*. Era a única música hit, famosa. E o disco, o *Closer*, era o mais legal. Todo mundo queria apenas aquela música, aquela que tocava. Aí eu adicionei o *Love Will Tear Us Apart* ao disco *Closer* e fizemos trezentas cópias. Cheguei a vender bem. Eu estava fazendo também o Bauhaus [*banda inglesa, 1978-1983*], que era do mesmo selo, da *Stiletto*. O Lawrence falava para mim: “Luiz, faz o do Bauhaus”. Se desse certo, ele lançaria o disco; se não, ele ignoraria. Era assim que funcionava. Mas esse Lawrence era meio picareta. Um dia o Jello Biafra [*músico norte-americano, 1958*] veio para cá, e estava no Aeroanta. Ele desceu do palco e encheu o Lawrence de porrada na plateia. Acho que tinha alguma sujeira. Aí eu me afastei do Lawrence também. Mas ele vendeu os direitos do Bauhaus para a Eldorado e a Eldorado lançou o disco depois.

Eu me envolvi em um outro caso também. Fiz um disco pirata do U2 chamado *Two Sides Live*. Mas nós tínhamos autorização do *manager* da banda para fazer. Mas eu emprestei esse disco para um amigo meu e o disco acabou sendo roubado. Aqueles discos não podiam ser vendidos em nenhum outro lugar a não ser na galeria. Quando chegamos em uma outra loja, o disco já estava lá. Um cara tinha acabado de comprar. O dono vendeu por um absurdo de caro, umas dez vezes o valor do disco importado. Porque era muito raro mesmo, coitado do rapaz que comprou. Eu fiquei tão chateado de fazer ele pagar aquela fortuna para me devolver o disco. O cara ficou me esnobando, que só ele tinha, e eu falei: “Agora eu vou fazer este disco ficar bem vulgar”. Fiz então trezentas cópias do *Two Sides Live*. Depois nós vendemos o disco para a própria polícia – porque na época a polícia quis me extorquir e eu fiquei birrento. Não queria dar dinheiro para a polícia de jeito nenhum, porque eu achava que a gente estava legal, embora dissessem que eu era pirata. Recebi um aviso do Aluísio Motta, que era editor e diretor da Warner. Ele me veio com um catálogo enorme da Warner. Eu virei meio que um assessor dele, eu orientava, falava quanto um disco venderia, se era legal lançar ou não. Nós indicamos 13 títulos para ele. Estourou com um do U2 chamado *The Unforgettable Fire*. Até aí eu já

tinha ido umas dez vezes ao fórum, nas audiências, acompanhando o advogado. E todo dia eu ia com uma camisa do U2 nova, aí o juiz: “Aquele rapazinho de camiseta”. E me discriminava assim. Eu sempre queria mostrar que: “Está vendo a banda lançando discos aí?”. E a gente tinha consciência de que isso era por causa do nosso primeiro disco, o *Two Sides Live*. Mas ninguém queria saber disso. Até que um dia o Aluísio me mandou uma carta de agradecimento porque a Warner tinha achado um novo nicho de mercado: venderam 180 mil cópias do *The Unforgettable Fire*. Eu mostrei isso para o meu advogado e ele adicionou nos autos do processo. O juiz encerrou o caso. Acabei virando amigo do Aluísio, até o auxiliando em alguns títulos na Warner. Só que eu nunca ganhei nada com isso. O Charles Gavin, por exemplo, não. Ele reeditou muita coisa legal em CD, quando veio a onda. Mas ele era remunerado. Ele ganhava algum, eu não. Os caras ficavam me usando o tempo todo e eu cansei daquilo. Eu não ganhava nem uma amostra, às vezes. Eu ficava meio puto com aquilo. Nada contra o Gavin, muito pelo contrário. Acho super louvável.

Vocês trabalharam muito com memória naquele momento. É o caso do Mautner. Fizeram Jards Macalé também?

Não, eu me aborreci com o Macalé. Estava com dois álbuns dele para fazer, aí eu cheguei para o Valmir Zuzzi, da Rock Company, e ele que acabou terminando. Depois, fui em um show dele para a gente acertar os ponteiros. Ele não me esnobou, mas me largou falando lá. Aí cansei de esperar e abandonei. Com o Walter Franco também aconteceu isso. Eu cheguei a editar três álbuns dele e ia fazer um novo. Fiz umas 40 reuniões e me irritei, pois tinha um amigo na Credicard que propôs que a empresa bancasse a produção e a prensa de 50 mil cópias de vinil para dar aos seus associados. Na venda de uma proposta de cartão, o cliente receberia de brinde um vale-disco. Eles nos dariam cinco mil cópias, bancariam a produção e o tape era nosso, mas o Walter achou que era muito para a Credicard e nada para a gente. Eu falava para ele que o disco iria circular entre outro público, pois os caras que ganhassem o disco da Credicard não o comprariam. Penso que se tivessem 40, 50 mil discos rodando, fazendo barulho, ia ter um feedback legal. Acho que ia vender uns 200, 300 mil. Mas aí eu acabei desistindo e esse álbum do Walter só saiu em 2001, chamado *Tutano*. Encheram de coisa eletrônica, o disco ficou esquisito.

Essa ideia de circular o material entre diversos públicos foi o que a Trama fez agora.

Exatamente. Você pode pegar gratuitamente dez discos deles lá no site.

Porque tem umas empresas que financiam a Trama para fazer isso. Acaba divulgando. Porque quem gosta do disco, pelo menos conhece o artista. Ele pode, no mínimo, vender show.

Luiz, como era o clima na Galeria do Rock na década de 80?

A galeria era uma caverna, cara. Tinha muita loja fechada. Parecia uma cadeia, com umas fendas lá no meio. Ninguém limpava porque ficava trancado. Não tinha nem como você passar uma vassoura ali. Tinha muita loja abandonada. Depois que eu cheguei ali é que começou a ter concorrência no ramo do disco e começou a crescer. Com a vinda do CD, chegou a ter 84 lojas de disco. Mas é até natural que essas lojas fechassem, pois muita gente estava entrando na onda de loja de disco porque era novidade, o CD era um mercado promissor. Estava dando um dinheiro bom.

Quando virou Galeria do Rock? Quando apareceu esse nome?

Acho que depois que teve aquele SP Metal, começou a dar muito roqueiro. Mas o nome dela nem é Galeria do Rock ainda, é só um apelido carinhoso. Aliás, o síndico está querendo mudar o nome para Galeria do Rock. Ela chamava Grandes Galerias, depois virou Shopping Center Grandes Galerias. E é esse nome até hoje. Mas querem mudar para Galeria do Rock porque é como ela é reconhecida pelos frequentadores.

E as bandas novas? Como é o trabalho que você faz de produzir esse pessoal?

Tem tanta banda nova legal! E tanta coisa ruim! Agora ficou muito fácil, todo mundo que é parceiro do Bill Gates, que tem um computador em casa, faz música. Eu mesmo gravo umas coisinhas em casa, mas eu tenho vergonha de mostrar. Agora, tem gente que é cara de pau. Até brinco, dizendo que o Andy Warhol estava errado quando disse que todo mundo seria famoso por quinze minutos. Hoje em dia, nesses blogs, todo mundo é famoso para quinze pessoas. O cara tem 15 amigos que falam: “Pô, que legal! Ouvi teu som”. Aí, quando tem 16, já tem um alfinetando, dizendo que não é tão bom. Mas facilitou para todo mundo. Da noite para o dia, você pode ser uma revelação. Ou então você vai ficar lá perdido, na poeira cósmica da internet. Porque tem muita coisa mesmo. Não dá para você absorver tudo.

Mas você continua produzindo discos?

Estou fazendo shows, ultimamente. A Secretaria de Cultura de São Pau-

lo me chamou para fazer uma “curadoria” em um projeto chamado Rock na Vitrine, que acontece todo segundo sábado de cada mês, e eu convido sempre três bandas para tocar. Aí eu vou lá e gravo tudo ao vivo: o áudio e as imagens. Normalmente, eu dou a imagem para a banda, porque eu não tenho paciência nem habilidade para ficar tratando imagem, editando. E cada banda edita da sua maneira, para fazer aquelas coisas de YouTube, MySpace. Hoje, se você fizer uma coisa muito caprichada, você tem a possibilidade de atingir um grande público. E, às vezes, uma coisa tosca também é viável. É questão de cair no agrado do público.

Fale um pouco mais sobre essa transformação da indústria fonográfica: como vocês sentiram isso dentro da loja? E a Associação Brasileira de Música Independente?

Eu sou contra os downloads gratuitos. Acho que tinha que ter uma legislação que defendesse os direitos intelectuais, morais, autorais de cada um. Porque não faz sentido o artista dar a obra dele, que é a única coisa que ele tem para vender. A internet foi um tiro no pé da indústria fonográfica. Não tem sentido você fazer as coisas e alguém disponibilizar de graça aquilo lá. Eu ficava sonhando com o ano 2000, o *bug* do milênio. Achava que aquele ISRC [sigla em inglês para Código de Gravação Padrão Internacional] do disco ia ter um controle, que o artista passaria a receber por algum download que as pessoas pudessem fazer. Acreditava que seria uma continuidade diferenciada do nosso tipo de negócio. Mas não foi assim. De repente, vi toda minha obra disponibilizada de graça. E ninguém mais comprou nada. Na época que o CD veio, eu também fiquei meio contra, porque é a mesma coisa. Eu tinha lá um império de vinil, alguém chega e isso já era. Agora a onda é tudo digital. Eu não queria aceitar aquilo, até porque era uma coisa que estava jogando toda minha fortuna no lixo. Eu estava brigando, dando murro em ponta de faca, não resolvia nada, aí falei: “Vou fazer as pazes com o CD”. Comecei a investir. A pessoa chegava para mim e falava que gostava mais de CD do que de vinil. Eu dizia: “Ah, é? Então me dá teu vinil”. Foi a maior guinada econômica da minha vida. Ganhei dinheiro com isso.

E essa volta do vinil que estamos vivendo hoje, como você vê?

Eu não acredito em volta do vinil, não. Só acho que o CD acabou com o glamour. Tem até uma fábrica nova no Rio, que é a Polysom. Está um pouco caro, parece que tem muitas taxas, impostos. O governo até devia dar uma isentada, porque disco é cultura, não é? Pelo menos isenção dos impostos

merecia ter. Mas o vinil dele é de qualidade. Eu já tive na mão alguns títulos e, em alguns casos, eram melhores do que os importados. Estão fazendo com uma gramatura boa, o papel da capa também é muito legal, o dos encartes também. É coisa muito fina. Eu acho até bem-vinda. Mas eu não vejo como “uma volta do vinil”. Acho legal ter a volta dessa fábrica no Brasil porque a Odeon, a Sony, a BMG, todas entregaram a fábrica. Pararam de produzir e isso foi lamentável. Mas na Inglaterra, nos Estados Unidos, no Japão, o vinil nunca deixou de existir. As pessoas falam que eu sou saudosista, e eu nem tenho porque ser saudosista: o vinil nunca me abandonou, eu sempre continuei trabalhando com ele. Eu acho que fui meio visionário, até. Acabei me dando bem quando comecei a ofertar CD em troca de vinil. Mas nunca deixei de investir, de comprar coisas novas. A verdade é que teve esse “auê” aí, dessa fábrica nova e todo mundo falou: “É a volta do vinil”. No Brasil, ok, mas no mundo, esse discurso nem pega bem.

Se você fosse lançar uma banda nova agora, você lançaria em CD ou em vinil?

Ah, CD você não vende mais nada, cara. Nem em camelô, que só vende MP3. As pessoas se contentam em ouvir isso. Uma vez baixei uma banda porque achei curioso o nome. Era algo para ouvir uma vez (*risos*). Penso que muitas pessoas passam a noite fazendo download e depois perdem meio dia deletando. Vem muito lixo mesmo.

Você faria uma volta do vinil na Baratos Afins?

Eu tenho vontade de lançar algumas produções que tenho paradas em vinil. Eu cheguei a trabalhar isso com duas bandas: *Baratas Organolóides* e *Expresso Monofônico*. Também fiz um álbum caseiro do Lanny Gordin. Eu que gravei. Ele estava me dando umas aulas e eu gravei sem ele saber e lancei. A crítica falou muito bem. Vendi as duas tiragens em CD, ainda era um momento em que CD vendia. Mas fiquei mal, porque a mídia falou muito bem, o cara é um puta talento e eu fiz uma coisa safada. Eu tinha que fazer um negócio legal. Aí botei ele no estúdio pensando em fazer um álbum, só que aí ele tinha feito uma banda e começou a reprisar a mesma coisa que tinha feito no disco anterior – só que com a banda. Era mais do mesmo. Chamei o Bocato, Márcio Negri, e a gente ia chamar o Toninho Horta também para fazer umas participações, umas coisas diferentes. Começamos a aloprrar no estúdio. Virou um álbum triplo. E nós lançamos só dois discos [*projeto Alfa, lançado em 2002*]. Hoje, eu só faria esse material se fosse em

vinil. Eu broxei de fazer CD. A gente faz CD e dá, só dá. Não vende mais de jeito nenhum. Tem uma banda de Santa Catarina, chamada *Pipodélica*. Eles estavam comemorando 80 mil downloads do site deles. Aí pensei: “Vou fazer mil cópias, vou vender tranquilo”. A gente vendeu umas trezentas lá na cidade deles, no lançamento, mais umas trinta aqui. E mofou lá, parou na loja. A gente fica dando para um cliente ou outro que compra um punhado de disco.

O que é fazer produção cultural no Brasil?

Pergunta difícil. Eu não sei o que é cultural. Aliás, nunca pensei nisso, se é cultural ou não. Para mim sempre foi: “Bateu, mexeu com o sentimento da gente, agradou, vamos fazer”. Inclusive eu fiz muita coisa que pode ser considerado lixo cultural. As pessoas não têm respeito no Brasil. A grande mídia é a culpada disso, porque ela enche a bola de tudo que é lixo que vem de fora, e os nossos valores vão todos para o ralo. Sempre foi assim. Vem um Zé qualquer, não sei de onde, os caras dão um puta espaço para ele. Aí esse cara acaba lotando um desses espetáculos a R\$ 200, R\$ 300 o bilhete. Eu acho isso inacreditável. Então, não sei o que a gente pode achar que é cultural. As coisas culturais no Brasil são falidas mesmo. Rádio não toca mais essas coisas legais. E nem televisão. O Faustão está aí no ar há 20 anos. Todo domingo tem uma revelação, mas você não ouve falar dos caras na outra semana, duram meio verão. Não se está criando uma coisa persistente, para ficar. Normalmente as coisas legais ficam nesse circuito fechado: Itaú Cultural, Sesc. Não tem muito espaço para quem pensa em fazer música séria no país.

E vender ou produzir? Dá para sobreviver ainda?

A gente está sobrevivendo da variedade. A gente tem mais de cem mil títulos. Apesar disso, não atendo 10% do que procuram. Até porque o objeto de desejo que tem circulação mesmo é uma minoria. Todo mundo tem esses livros do tipo “1000 discos para ouvir antes de morrer”, “os 200 maiores”, ou “os 10 da *Billboard*”. Então, as pessoas só querem comprar as mesmas coisas. Querem ter a discoteca básica: *Pet Sounds* [1966], do The Beach Boys; *Sgt Peppers Lonely Hearts Club Band* [1967], dos Beatles. Mas nem pensam, por exemplo, em ter *Please, Please Me* [1975], dos Beatles. Tenho um pacote desse, mas *Sgt Peppers* eu não tenho nenhum. Todos que aparecem eu compro, porque tenho certeza que vão vender, independen-

temente do estado em que estiverem.

O que você vê de perspectivas para o mercado fonográfico? Quais são os caminhos?

Como eu já disse, acredito que deveria haver uma legislação que valorizasse ou reservasse os direitos intelectuais, morais, autorais. No momento que tiver isso, o mercado pode ter um fôlego novo. Hoje não tem estímulo, todo mundo vai fazer disco, colocar na rede, querer vender show. As bandas todas passam muito rápido. Nenhuma dura muito. Feliz é a banda que é revisitada. Ninguém mais vai ouvir 200 vezes um álbum como a gente ouviu *Sgt Peppers*, por exemplo.

Então você acha que é só vir a legislação?

Eu penso que sim. Um dia na net tudo vai ter preço, menos música ruim. Hoje, todo mundo oferece o seu produto, porque quer ser conhecido. Mas no momento em que as pessoas perceberem que esse produto tem um valor e que pagam por aquilo, elas também não vão querer queimar dinheiro, vão preferir ganhar. E não vão mais dar de graça. Há outras coisas que eu acho uma babaquice, tipo esse *Radiohead* que fala: “Cada um paga o que quer”. Cada um paga o que quer porque vazou. Se não tivesse vazado, não ia ter isso. É um pirulito na boca do cara. Chupou? Gostou? Agora compra. É que nem droga. Eu acho que no caso do Radiohead vazou mesmo, e aí eles deram esse golpe. E muita gente caiu: “Oh, que legal! Banda bacana”. Tem que regulamentar, porque aí tem respeito. Antes a gente comprava um disco, com o dinheirinho suado, mas você ouvia com prazer. Hoje, vulgarizou. Tem porraças de bandas de graça aí na rede, você não tem nem tempo para absorver tudo isso. Ninguém ouve música mais em coletivo, na mesma vibe. Você está em uma roda e um está no hip-hop, outro no pagode, outro no blues, outro no rock. Cada um está em uma onda.

Pensando no teu selo, no teu nome, você acha que é uma solução possível para este novo momento? Quer dizer, você tem um infinito na internet, mas tem aquela pessoa que sabe que ali vai encontrar coisa de boa qualidade. Você acha que a filtragem, o selo, é uma possibilidade de sobrevivência?

Não, eu acho que quem sempre bancou o selo Baratos Afins foi a loja Baratos Afins. Foi legal, a gente vendeu bem. Pagou. Deu até lucro. Mas no geral, não. Eu tenho umas 170 produções ao todo – entre vinil e CD. Alguns CDs

são reprodução do próprio vinil. Devo ter uns 140 artistas, títulos diferentes lançados pelo selo. E sei lá, talvez uns 40%, 50% deram lucro. E muitos estão lá. O lote todo. Se eu tiver uma coisa que estoure mesmo na minha mão, eu não vou poder atender todo mundo. É a mesma coisa que você abrir uma pastelaria com uma lata de óleo para atender mil pessoas. Não dá. A Baratos Afins é pequena mesmo, sou eu e meu pessoal. A minha filha é que atualmente está me dando muita força, mas antes eu tinha só uma assistente. Eu não tenho estrutura para estourar. Se um dia eu crescesse mesmo, se acontecesse de eu estourar um produto, eu teria que ceder para uma grande distribuidora para atender toda a demanda. Mesmo sem internet, teve uma época que a gente ficou embalando disco. A gente vendia só de caixa para as lojas, o tempo todo. A gente foi até bem sucedido. Um paga o fracasso do outro, mas se fosse para viver da produtora, eu já teria fechado há muito mais tempo. Eu penso em continuar gravando, obviamente vou ficar muito feliz se alguma banda estourar. Mas no momento que isso acontecer, vou ter que pedir suporte. Que é o que todo mundo faz. O Júpiter Maçã foi assim. Quando ele estourou, passou para a Polygram distribuir. A própria Eldorado entregou a produção para a BMG. Muitas pessoas me dão um disco achando que vou ouvir e o cara vai acontecer. Se eu fosse cobrar só para ouvir, estava muito mais rico do que vendendo disco. Porque eu recebo tanta coisa, que, às vezes, é barra pesada para ouvir, cara. Não dá.

Para assistir essa entrevista em vídeo:

<http://www.producaocultural.org.br/slider/luiz-calanca/>